



Economia **Brasileira é a 6ª mais empreendedora**

País ocupa ainda a 3ª posição no planeta quando o quesito é a participação feminina na economia interna, aponta pesquisa

Adriana Menezes
AGÊNCIA ANHANGÜERA
adriana.menezes@rac.com.br

As múltiplas funções da mulher poderiam ser mais uma barreira do mundo moderno. Mas não são. Ao contrário do que se imagina esperar, exercer o papel de mãe, mulher, profissional, filha, amiga e outras tantas atribuições não é impedimento para o sucesso feminino nos negócios, muito menos no Brasil. O País está em 6º lugar no ranking mundial das mulheres mais empreendedoras e é o 3º país no mundo onde elas têm maior participação na economia nacional.

O Brasil tem 6,3 milhões de mulheres empreendedoras, que correspondem a 38% do total de empresários brasileiros. Dentro do ranking mundial, as brasileiras são mais empreendedoras que as norte-americanas e as europeias, e perdem apenas para as venezuelanas, tailandesas, jamaicanas, neozelandesas e chinesas.

Analistas de mercado e consultores concordam que o sexo feminino ainda se vê forçada a provar sua competência a toda hora, mas já é inegavelmente reconhecida por sua determinação, sensibilidade e visão.

A pesquisa foi realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM), em parceria com o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP) e o Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). No ranking de participação feminina na economia nacional, as brasileiras estão em 3º lugar, seguindo os passos dos Estados Unidos e da China.

Diferenças

"Há 15 anos, a presença masculina no empreendedorismo era majoritária, mas de lá para cá o número de mulheres tem aumentado significativamente", diz Roberto Gandara, consultor de empreendedorismo da Organização das Nações Unidas (ONU) e consultor do Sebrae.

Ele lembra que o Brasil é também um dos países mais empreendedores do mundo, mas a

presença feminina é cada vez mais representativa. Não é à toa que haja uma brasileira, de São Paulo, entre as três finalistas do prêmio da ONU para Mulher Empreendedora, que terá seu resultado divulgado em abril, na África.

Na comparação entre homens e mulheres, Gandara acha que a mulher tem mais determinação, busca mais apoio e informação e procura enxergar o que acontece em sua volta. "Isso é um pouco de sua herança milenar de cuidar dos filhos e da casa", avalia o consultor. "A mulher ouve mais que o homem e isso no ambiente empresarial é muito saudável."

Para ele, o machismo ainda está presente no Brasil, porque os homens ainda ganham mais que as mulheres na mesma função e a elas ainda têm que provar mais a sua competência no ambiente corporativo, mas no meio empresarial as diferenças são cada vez menores em muitos segmentos. O que ele observa é que há dois tipos de situação empreendedora: aquela por oportunidade e a outra por necessidade. A segunda ainda predomina no Brasil.

Necessidade

O consultor Werner Kugelmeier, da consultoria humano-empresarial WK Prisma, também identifica esse cenário: muitas brasileiras empreendem porque não encontram lugar no mercado. "Às vezes isso acontece mais por necessidade que por escolha", diz Kugelmeier. "Ainda assim, a situação mostra que a mulher brasileira está preparada para empreender e normalmente se sai bem."

O consultor defende que ainda é preciso existir mais oportunidades para o público feminino no Brasil, porque "ela tem uma vocação natural para as atividades múltiplas". "Está no DNA. São características naturais que o homem não tem, talvez por ela ser mãe, saber se relacionar com pessoas, saber administrar uma casa. São características intrínsecas", conclui.

A intuição feminina e sua atitude, portanto, fazem a diferença, especialmente no mundo empresarial, onde a todo tempo é preciso tomar decisões. "A mulher se arrisca a cair no erro, por isso as vantagens competitivas e todo o seu potencial deveriam ser mais explorados. Historicamente a mulher é guerreira e sempre encontrou obstáculos, mas ela sabe abordar melhor as situações de crise, enquanto o homem quase sempre chuta a perna do outro", diz Kugelmeier.

